

VIOLÊNCIA FAMILIAR: A REALIDADE DOS MORADORES DE UM BAIRRO DE MARINGÁ

FAMILIAR VIOLENCE: THE REALITY OF DISTRICT OF THE MARINGÁ'S HABITANTS

VIOLENCIA FAMILIAR: LA REALIDAD DE LOS HABITANTES DE UN BARRIO DE MARINGÁ

*Maristela Bagaiolo Godoy**

*Maria Angélica Pagliarini Waidman***

*Carmem Silvia Gonçalves Garcia****

RESUMO: Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva desenvolvida num bairro da periferia de Maringá, Paraná, em janeiro de 2000. Teve por objetivo verificar a presença de violência intrafamiliar, identificar suas principais causas e suas maiores vítimas. Verificamos que 62% dos entrevistados eram economicamente ativos, 74% foram mulheres, 16% eram analfabetos, 55% vivenciaram a violência dentro das famílias. Os tipos de violência intrafamiliar que mais se sobressaíram foram a verbal e a física; os agressores em sua maioria eram homens, pai 33% e marido 25%, e as vítimas mulheres e crianças. As principais causas da violência eram bebida 20% e desentendimento 15%; a atitude frente a agressão foi de não reagir 27% ou enfrentar 32%; 62% procuraram ajuda após a agressão e destes 47% buscaram a polícia. Concluímos que é importante caracterizar e demonstrar a violência no município, para que assim possamos sensibilizar profissionais e a comunidade sobre esta realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Violência doméstica; Família; Comunidade

INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser social por natureza, portanto é incapaz de viver sozinho no mundo. Porém esta convivência social também pode provocar a violência, principalmente a violência familiar devido às relações complexas vividas pelas pessoas em seus domicílios. Para Schneider⁽¹⁾, a maior causa de aborrecimento do ser humano é outro ser humano.

Nos últimos anos a convivência em sociedade está se tornando cada vez mais difícil, e isto tem sido causa de violência, depressão, frustração, dependência química e outras atitudes desviantes. Para a manutenção de uma situação de equilíbrio entre indivíduo e seu próximo ou consigo mesmo, é necessário um relacionamento harmonioso. Ademais, as situações que vivenciamos no cotidiano, incitam o indivíduo a conduzir-se pelos ditames de seus impulsos naturais e por suas paixões mais primitivas que podem ser expressas em forma de violência⁽¹⁾.

Muito se têm visto e discutido sobre a violência e principalmente sobre a violência dentro da família. É importante ressaltar, que a violência doméstica sempre existiu e há entendimento de que ela esteja associada a vários elementos como o álcool, a pobreza, o desemprego, o isolamento e as doenças. Porém vale ressaltar, que a violência doméstica não está limitada a baixa classe social. Ela permeia todas as classes e sociedades⁽²⁾.

A violência é aqui compreendida como uma força opressiva sobre o outro, causando-lhes danos diversos. O ato violentador pressupõe a idéia de privar, isto é de destruir, despojar alguém de suas coisas, de seu modo de ser e se comportar, de seu direito de se realizar como pessoa e como cidadão. Violência é uma força carregada

* Enfermeira, especialista em Saúde Mental, professora do CEMEP (Centro Educacional Municipal de Ensino Profissionalizante) da Secretaria Municipal de Maringá.

** Enfermeira, mestre em enfermagem, professora da Universidade Estadual de Maringá, Membro do NEPAAF, doutoranda em Filosofia da Enfermagem na Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista do CNPq.

*** Enfermeira, especialista em Enfermagem do Trabalho, professora do CEMEP da Secretaria Municipal de Maringá.

de desejo, consciente ou inconsciente, que tem o seu caráter de irresistibilidade, de coerção, de penetração e de destruição⁽²⁾. A violência é o emprego da agressividade com fins destrutivos, principalmente para a vítima⁽³⁾.

Ela pode ser vista sob diversos aspectos, dependendo do olhar que busca as causas ou as razões pela qual este fenômeno acontece no cotidiano. Infelizmente, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU)⁽²⁾, apenas 2% da população mundial faz denúncias contra a violência. A Associação Brasileira da Infância e da Juventude, do Rio de Janeiro, afirma que o maior índice de violência doméstica ocorre em crianças com idade de 2 a 15 anos⁽⁵⁾.

É possível observar através dos meios de comunicação que, atualmente, tem aumentado o número de notícias relacionadas à violência. As mesmas não se referem apenas àquelas que acometem grandes centros urbanos; cresce a violência dentro da própria família, onde mulheres, crianças e idosos acabam sendo as maiores vítimas. A violência intrafamiliar tem se mostrado como uma das maiores preocupações nos programas sociais de assistência à famílias. Isto fica firmado quando vemos notícias como: "*Mulheres e crianças as maiores vítimas da violência*"; "*Cresce o número de abuso sexual infantil*"; "*Adolescentes são violentados*" em diversos meios de comunicação escrita e falada.

Apesar destas notícias comuns no dia-a-dia, ainda cresce silenciosamente, no País, a violência contra mulheres e crianças que muitas vezes é praticada dentro de casa, tornando-se invisível devido as relações complexas que caracterizam o ambiente familiar e que impossibilitam a vítima de fazer a denúncia.

Isto é confirmado por Xavier⁽⁴⁾, quando refere que em 1996 foram feitos 9.121 registros nas Delegacias Especiais de Atendimento a Mulher no estado do Rio de Janeiro. Em 1997, este número passou para 10.984 e em 1998 chegou a 15.748, com 9.050 queixas de lesão corporal. Os índices da 1ª Vara da Infância e da Juventude também são crescentes, a média mensal de registros em 1998 era de 250 ligações. Somente nos primeiros meses de 1999, a média já era de 300.

Estes dados nos mostram que a violência doméstica contraria preceitos sobre a importância e a valorização da família, como mantenedora da saúde familiar e instituição de crescimento e desenvolvimento de seus membros. Kaloustian⁽⁵⁾, por exemplo, coloca que a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, de desenvolvimento e da proteção integral dos filhos e demais membros, independente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando.

É ela que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, pois é neste espaço que são absorvidos valores éticos, humanitários e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É, também, em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são aprendidos e transmitidos valores culturais⁽⁵⁾.

Dentro de uma perspectiva sociológica e para se tornar o conceito de família na sua maior generalidade, neste estudo a família foi considerada pelo agrupamento de pessoas unidas por laços de sangue, adoção, afinidade e outras conjugações socialmente reconhecidas⁽⁶⁾.

A família, portanto, é uma organização complexa de relações de parentesco, que tem uma história, um passado, mas também cria uma história no presente através de um ciclo vital periodizado por eventos críticos que constituem etapas evolutivas (casamento, nascimento do primeiro filho, filhos na adolescência), que trazem consigo incumbências de desenvolvimento correspondente a objetivos psicossociais de cada uma dessas fases⁽⁶⁾.

Depois destas considerações feitas acerca do tema família e violência nos traz várias indagações, ou seja, como pode na família, espaço tão importante para o ser humano, haver violência?, O que leva os familiares suportarem a violência doméstica sem tomar algumas atitudes, já que se espera da família acolhimento, comunicação e fortes laços afetivos?

É consenso que a situação de vulnerabilidade das famílias encontra-se associada à vários fatores sócio-político-culturais, a história da família e experiências anteriores do indivíduo, sendo as condições de pobreza e o perfil da distribuição de renda do país apenas alguns deles. Segundo Gregory⁽⁷⁾, Azevedo e Guerra⁽²⁾ a violência doméstica é definida como aquela que acontece dentro de casa, caracterizada por: discussões, brigas, agressões entre marido e mulher, pais e avós que tratam mal os filhos e netos. É difícil acreditar que a própria família produz a violência, justo àquela que consideramos como núcleo fundamental de vida e da sociedade, que desde os gregos era considerada sagrada, fonte de todas as energias para produzir ou criar seres humanos, agora passa a ser geradora de tristeza e sofrimento⁽⁷⁾.

É importante considerar que a existência de um ambiente familiar hostil, onde não são garantidas as condições mínimas de sobrevivência e segurança para adolescentes e crianças, oferece um conjunto de condições negativas que vão indicando o caminho da rua, ou seja, mais da metade das razões que estimulam a fuga de crianças e adolescentes de seus lares é representada por castigos corporais - a violência de pais contra filhos⁽⁸⁾.

Entre as causas de violência, podem ser destacadas: a desestrutura do espaço doméstico causado pelo aumento das famílias monoparentais, em especial aquelas em que a mulher assume a chefia do domicílio, a questão migratória, por motivos de sobrevivência; a ausência de uma das figuras paternas (pai ou mãe). Estas causas podem tornar o domicílio objeto das freqüentes ameaças agravadas pela degradação do meio ambiente, dificuldade de acesso aos serviços urbanos básicos, escassez de recursos produtivos e pelo desconhecimento dos diferentes métodos de planejamento familiar⁽⁹⁾.

Se por um lado é fácil reconhecer a família como unidade que presta cuidado, por outro, torna-se difícil concordar que ela seja sempre eficiente no desempenho deste papel.

O cuidado familiar acontece através da convivência, nas reflexões e interpretações que surgem no processo de interação. Cada membro da família, ao interagir com o outro, participa de uma ação e reflexão que resultará na construção de um significado que permitirá a definição da situação na qual se encontra. Assim como o desempenho de novas ações e reflexões num processo contínuo de interações, o cuidado familiar está contido nesse processo, e os membros da família, ao tomarem parte desta ação, definem suas próprias maneiras de agir de acordo com a compreensão que tem da situação. Isso inclui as interpretações das ações individuais e de grupo, para que seus significados sejam compartilhados. Desse modo, este processo interpretativo conduz a uma ação conjunta da família para o cuidado⁽¹⁷⁾.

Baseados nos pressupostos de Elsen sobre o cuidado familiar, a família já não pode ser vista como aquela que deve cumprir as determinações dos profissionais de saúde. É preciso, também, reconhecer a necessidade de ouvi-la em suas dúvidas, levar em conta sua opinião e, mais que tudo, incentivar sua participação em todo processo profissional de cuidar/curar, de forma que cada contato com os profissionais de saúde resultem em subsídio, utilizados pela família, na ampliação de seu referencial sobre o processo de cuidar para assim evitar a violência⁽⁹⁾.

O nosso interesse em desenvolver este estudo está na preocupação com o fenômeno, violência intrafamiliar, no cotidiano das famílias as quais temos prestado assistência. Assim sendo, este estudo apresenta os seguintes objetivos: verificar a presença da violência intrafamiliar nos moradores de um Núcleo Habitacional; descrever as principais causas da violência e segundo os informantes identificar quem são as vítimas desta violência.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva em que se utilizou a entrevista como método de coleta de dados.

A escolha do bairro deu-se devido sua localização, por ter os maiores índices de violência registrados no Município de Maringá e pela facilidade de acesso a maioria da população, já que se tratava de um conjunto habitacional com uma área bem delimitada.

Este estudo teve a participação de 228 famílias residentes num bairro da periferia de Maringá - PR, que concordaram em participar. Foram escolhidos para a realização da coleta de dados, os alunos da 28ª turma do Curso de Auxiliar de Enfermagem do CEMEP (Centro Municipal de Ensino Profissionalizante da Secretaria de Saúde do Município de Maringá - PR) que estavam no 3º período do curso, num total de 25 alunos, entre eles homens e mulheres em idades mínimas de 19 anos e máxima de 39 anos. Para que os mesmos pudessem realizar as entrevistas, os alunos passaram por quatro etapas de treinamento: palestras com psicólogos e médicos psiquiatras sobre violência; discussão aberta (debates) sobre o tema "Violência Familiar"; aulas expositivas sobre pesquisa e entrevista; treinamento para realização da coleta de dados.

Para isso, foi elaborado previamente o roteiro da entrevista a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados. Foram abordadas questões de identificação da família; condições de moradia; opinião sobre violência abrangendo questionamentos sobre violência doméstica, agentes agressores e receptores e condutas após a violência (do agressor, do receptor, e também da família). Vale ressaltar que o instrumento foi validado por professores da Universidade Estadual de Maringá, mestres, ligados a área de saúde mental.

Foram levados em consideração os seguintes aspectos éticos para a realização deste estudo: autorização do CEMEP (Centro Educacional Municipal de Ensino Profissionalizante) para a participação dos alunos na coleta de dados; esclarecimento das famílias sobre os objetivos da pesquisa; garantia da liberdade de participação das famílias no estudo proposto e o anonimato dos informantes. Foi ainda respeitado o que preconiza a Portaria 196/96 do Ministério da Saúde.

Do total de 272 famílias que residem no bairro foram entrevistados 228, sendo que as demais não foram encontradas em seus lares na hora da entrevista ou não quiseram participar do estudo.

RESULTADOS ENCONTRADOS

Caracterização da população estudada

Mesmo com uma renda mensal baixa (até três salários mínimos), grande parte das famílias possui sua própria moradia, pois o bairro foi projetado por um sistema de financiamento que possibilitou a compra dos terrenos e construção de casas por um valor que viesse ao encontro da renda familiar dos que lá residem atualmente.

Quanto a variável número de pessoas que residem no domicílio, podemos observar de 1 a 3 pessoas (30%), de 4 a 6 pessoas (52%), de 7 a 9 pessoas (16%), e com 10 ou mais pessoas (2%). É um percentual elevado se considerarmos a tendência para este século - devido a redução do número de filhos. É possível observar que a composição familiar apresenta-se principalmente pela família nuclear (pai, mãe e filhos), extensa e família nuclear com um ou mais agregados, por exemplo, cunhado, neto, avó, avô, amigo.

Quanto a variável idade dos entrevistados, a faixa etária estava entre 31 a 60 anos (55%); abaixo de 31 anos (35%); e acima de 60 anos (10%). Os respondentes foram em sua maioria mulheres (74%) e homens (26%). Acreditamos que isso se deva ao horário em que a coleta de dados foi realizada, ou seja, horário comercial, e também, pela própria característica daquela população - a mulher ocupar apenas o papel de dona de casa.

Quanto ao grau de instrução das famílias verificamos que a maioria era composta de pessoas com Ensino Fundamental incompleto (59%), seguido de analfabetos (16%), Ensino Fundamental completo (11%), Ensino Médio incompleto (6%), Ensino Médio completo (7%) e superior (1%).

Entre os entrevistados 62% são economicamente ativos - considerando-se ativa toda pessoa que trabalha fora (mesmo sem carteira assinada) - sendo: empregados domésticos, diarista, pedreiro, motorista, serviços gerais, etc.

Vivenciando a violência... a realidade das famílias

A violência familiar pode ser caracterizada como todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra outra pessoa, especialmente crianças e adolescentes, sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima. Implica, de um lado numa transgressão do poder/ dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que a criança e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento⁽²⁾.

Assim sendo, a violência é freqüente e faz parte do nosso cotidiano; passamos a nos acostumar com ela, ou seja, a banalizá-la o que pode, muitas vezes, acarretar mais violência.

Os tipos de violência mais citados pelos entrevistados foram: homicídio 27,19%, agressão física 17,98% e seqüestro 16,66%.

Quadro 1 – Tipos de violência reconhecida pelos entrevistados

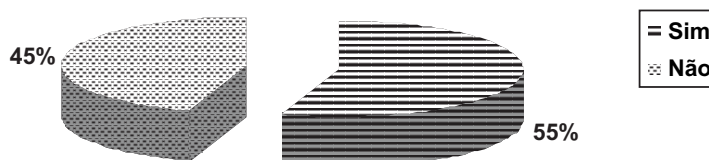
TIPO DE VIOLÊNCIA	Nº DE ENTREVISTADOS
Homicídio	62
Agressão física	41
Seqüestro	38
Assaltos	23
Punição	19
Agressão verbal	15
Falta de respeito	14
Não cumprimento de tarefas	9
Outros	7

Maringá -2000

Em outros 3,07%, os entrevistados citaram: estupro, espancamento, ciúmes, maus tratos, doença e drogas. Neste item pode-se observar que muitos tipos de violência foram citados pelos entrevistados, inclusive negligencia e omissão de cuidados por parte dos pais.

Os dados deste estudo nos mostram que a maioria das pessoas, 55%, já sofreu algum tipo de violência em sua família. Dos que relataram não haver violência em sua família, 45%, pudemos observar durante a entrevista que alguns deles praticaram atos violentos, ou seja, agressões verbais e físicas entre os membros da família e também com o entrevistador. Isto nos faz refletir e inferir sobre duas situações: a primeira é que devido à família conviver com situações agressivas nem percebe que isto é uma forma de violência, e que a situação de violência vivenciada em seu domicílio leva-a a sentir vergonha, o que é confirmado por Azevedo e Guerra ⁽²⁾ quando referem que a família que vivencia a situação de violência sente-se humilhada em relatá-la e denunciá-la à outras pessoas, atribuindo para si toda a culpa desta situação degradante e sofredora.

Gráfico 1 - Presença de violência ocorrida no domicílio



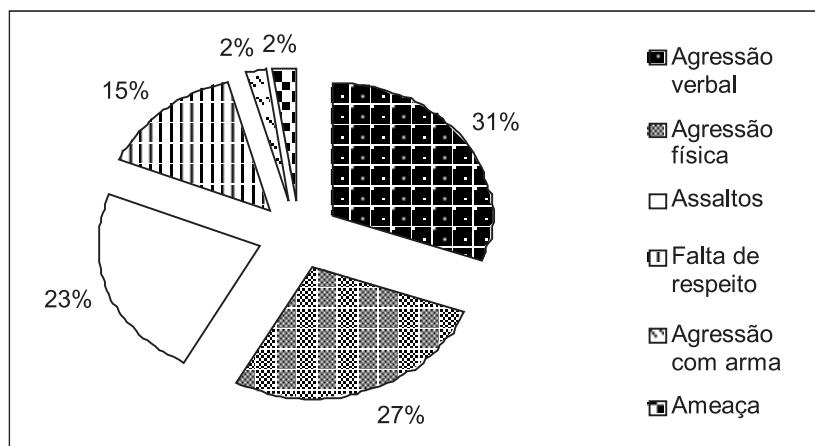
Maringá - 2000

A violência neste bairro tornou-se tão comum que durante a coleta de dados, um entrevistador foi agredido com arranhões nos braços e levou alguns socos... Em uma das casas quando a esposa relatava a violência do marido contra ela e os filhos, o mesmo, alcoolizado entrou na sala e começou a agredir o entrevistador, sendo necessário chamar a polícia.

É importante destacar que, não há completa harmonia e unidade no interior da família, pois esta é o seio de luta pela individualização de seus membros, que entram em conflito com os esforços do grupo para manter a unidade coletiva⁽¹¹⁾. Concordamos com esta afirmação, porém a presença da violência é a exacerbação deste conflito.

Dentre os tipos de violência mais citados como ocorridos na família temos: agressão verbal 31%, agressão física 27%, assaltos 23% e falta de respeito 15%.

Gráfico 2 -Tipo da violência ocorrida no domicílio.



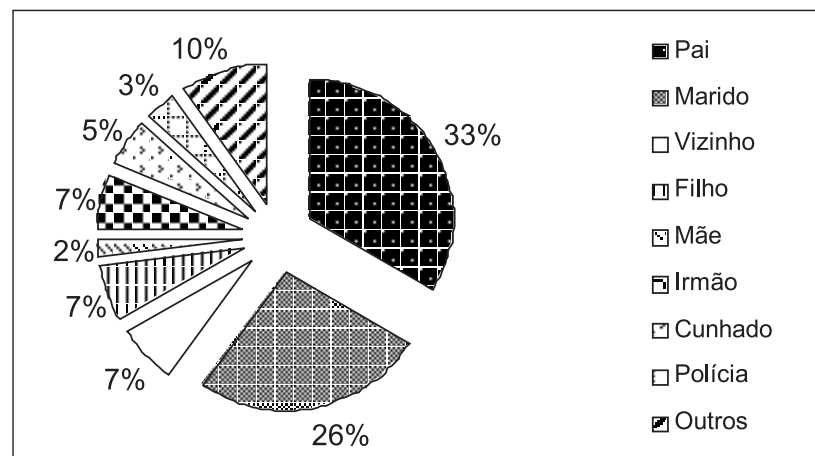
Maringá - 2000

Alguns antropólogos, a partir de pesquisas empíricas junto a atores sociais que vivenciaram situações muitas vezes consideradas como violentas, apontam que estas são entendidas de forma diferente por estes sujeitos. Uma pesquisa realizada em vilas da periferia de Porto Alegre aponta que a violência física é inúmeras vezes entendida como parte constituinte das trocas afetivas⁽¹¹⁾. Porém, outros autores ao analisarem a violência nas relações conjugais entre outros grupos sociais urbanos, apontam que tal fenômeno, em muitos casos, é tratado como uma forma de comunicação entre o casal e assim constituidora dessas relações⁽¹¹⁾.

Ao referirem a falta de respeito como um tipo de violência, a família quis dizer que não são respeitados os limites de educação por parte dos pais e filhos.

Dos entrevistados 33%, referem que o pai é o responsável pelo maior número de agressões na sua família, sendo seguido pelo marido 26%. Observa-se também, que a mãe 2% é a que menos pratica a violência na família, sendo que o homem é responsável por 59% das agressões ocorridas.

Gráfico 3 - Agressão segundo o grau de parentesco

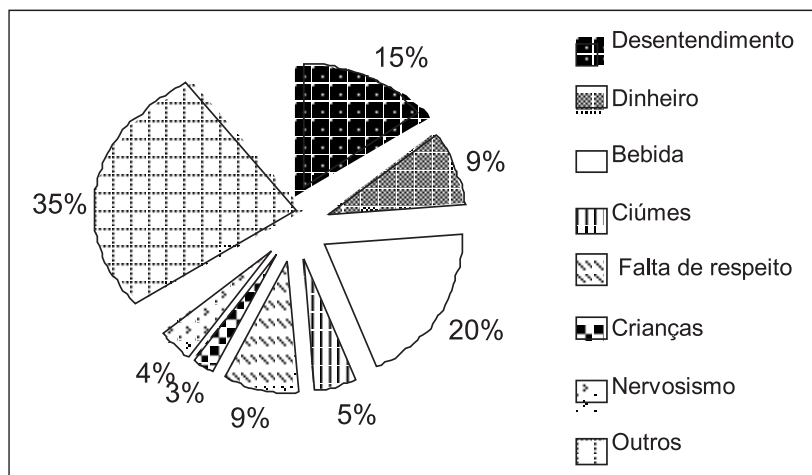


Maringá - 2000

Nos Estados Unidos às mulheres e crianças são as principais vítimas de violência doméstica, e a partir disso foram desenvolvidos programas que buscam resgatar sua cidadania enquanto pólos mais fracos de relações falocêntricas e adultocêntricas, características das famílias americanas⁽²⁾.

Para alguns autores brasileiros, cerca de 90% dos agressores, nos casos de violência doméstica, são os pais biológicos ou padrastos sendo que: "o poder e o domínio masculino favorecem estilos de relação de imposição sobre os mais fracos" (13:33).

Gráfico 4 - Motivo que desencadeou o ato de violência



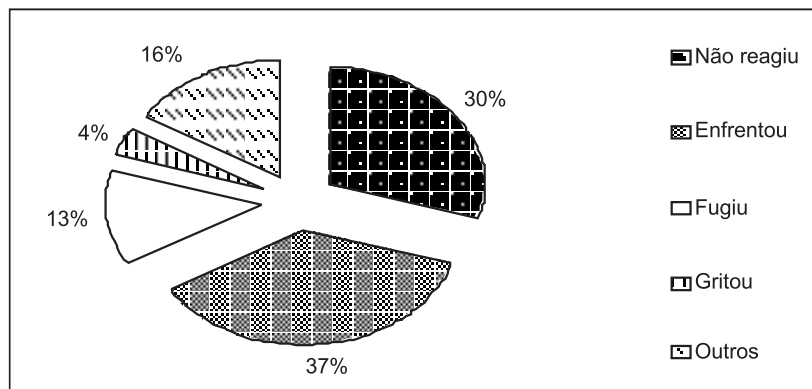
Maringá - 2000

Isso parece refletir o estresse causado pela situação sócio-econômica dos pais, onde a maioria das famílias convive com a falta de recursos mínimos para a sobrevivência, onde a falta de dinheiro para adquirir bens de consumo necessários a subsistência leva ao estresse causando crise, a qual reflete-se através do alcoolismo, desentendimentos, onde as crianças tornam-se, muitas vezes, motivadoras do ato agressivo. Elas representam o maior bem da família e estão em risco.

A razão pela qual levou os agressores ao ato de violência é descrita neste gráfico sendo o alcoolismo 20% o principal motivo apontado, seguido de desentendimento 15%, dinheiro 9% e demais conflitos familiares. No tema outros, foram citados como motivos desencadeadores de atos de violência, o desespero, a separação, dar opinião quando não solicitado, irritação, agressão, falta de apoio, fuga de casa, pavor, apartar discussão, fofoca, ressentimento, defesa e xingamentos.

Dentre as atitudes tomadas pelo membro da família agredido observa-se que a maioria enfrenta o agressor, 37%, e 30% não reagiu. Em outros, apareceram as seguintes atitudes: queixa na delegacia, desespero, irritou-se, passou mal, precisou de apoio, ficou passiva, tentou separar a briga, saiu de casa, resistiu, cortou o rosto com tijolo, apavorou-se.

Gráfico 5 - Atitudes diante da agressão



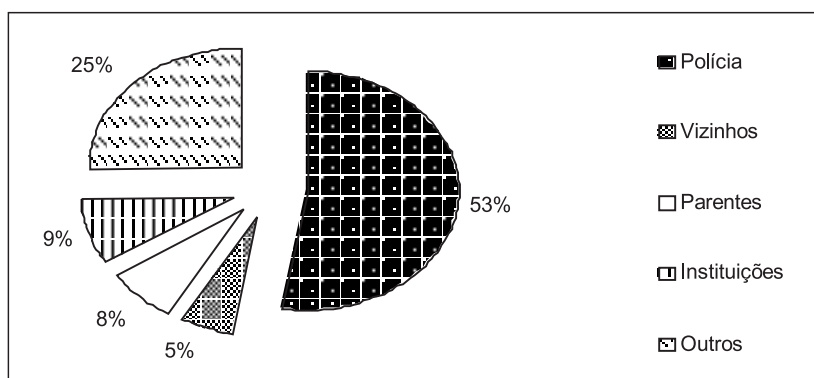
Maringá - 2000

A violência é um impulso natural do ser humano que não foi moldado pela sociedade, assim, o fato de enfrentar constituiu-se em risco sério para o agredido devido a impulsividade da agressão⁽¹⁴⁾.

Estes dados nos revelam a importância dos profissionais das áreas da saúde, ciências sociais, políticos e comunidade se envolverem com esta questão e tomar atitudes para orientar essa população. O enfrentamento e a não reação foram os percentuais mais altos, deixando clara a importância de orientar esta comunidade a respeito de sua cidadania (direitos e deveres).

Dos entrevistados a maioria 53%, relatou que procuraram a polícia após a agressão, outros procuraram a ajuda de instituições 9% e parentes 8%. Em outros 25%, os entrevistados citaram ter procurado ajuda junto a profissionais como: juiz, promotor, advogado, servidores, religiosos, vereadores, pastor, amigo, centro espírita.

Gráfico 6 - Tipo de ajuda procurado após a agressão



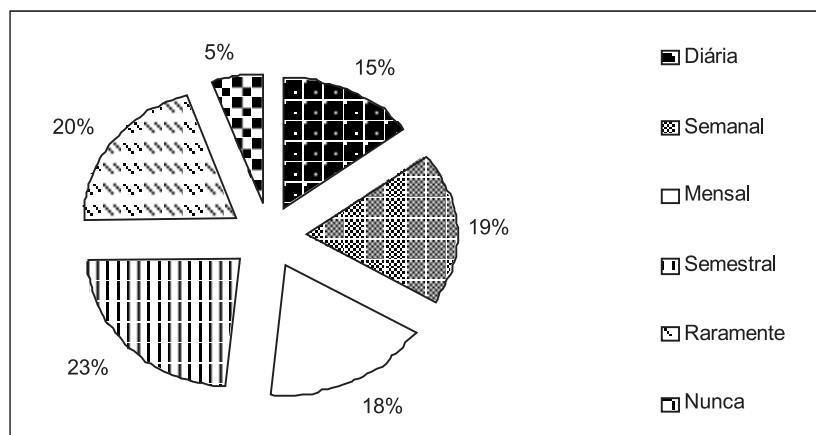
Maringá - 2000

Isto nos mostra o quanto a comunidade e a rede social são importantes em casos de violência, oferecendo ajuda e apoio.

A denúncia tem um papel importante na conscientização sobre os direitos da criança e da mulher, sendo que para a constatação e resolução do problema é necessário a utilização de serviços de notificação, acompanhamentos de familiares agressores, programas preventivos e de intervenção, atendimento especializado de atenção e de retaguarda as vítimas e agressores, pois a vida das crianças não pode ser danificada ou destruída de modo irreparável⁽¹⁵⁾.

Observa-se que a maioria dos atos violentos praticados no seio familiar ocorre semestralmente 23%, raramente 20%, semanalmente 19%. Observa-se também, que os índices de violência praticados diariamente ou durante a semana ou mês também são elevados.

Gráfico 7 - Violência nas famílias



Maringá - 2000

Estes dados corroboram com os achados de Aceti e Marcon⁽¹⁶⁾ quando dizem que mulheres eram agredidas com intervalos superiores a um ano, e que outras sofrem agressão semanal ou até mesmo diariamente.

Comparando o gráfico 1 com o gráfico 7, podemos dizer que de fato existe omissão por parte dos entrevistados quando dizem não sofrer violência em casa, os dados arrolados neste gráfico envolvem toda população e não apenas os que referiram ter violência. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa pudemos observar que a presença do marido e/ou de algum membro da família interferiu na resposta que "nunca houve violência" intrafamiliar. Possivelmente porque os entrevistados sentiam-se ameaçados por seus familiares, prováveis agressores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização deste estudo pudemos constatar que a violência familiar é grande, e seus efeitos devastadores, pois a maioria dos entrevistados falou do tipo de violência que geralmente acontece em suas famílias com muito pesar e sofrimento. Algumas mulheres, por exemplo, nos falaram que várias vezes passaram por situações de violência sendo agredidas fisicamente por seus maridos alcoolizados que se descontrolaram em casa diante de toda família. Por se tratar de um assunto que mobiliza muitos sentimentos, ao final da entrevista deixamos um espaço para que os entrevistados falassem seus sentimentos, e foi nesse momento que constatamos o sofrimento daquelas mulheres que relatavam suas histórias muitas vezes com lágrimas nos olhos.

De uma forma geral, as famílias estudadas eram de baixa renda, com condições de higiene razoável e baixo nível de escolaridade. No entanto, elas têm consciência da violência que vivenciam e observam na vizinhança, mas não tem conseguido mudar essa realidade a partir dos recursos disponíveis, ou seja, da rede social. Nesse bairro a maioria da população vive com medo porque lá residem muitos bandidos. Existe a intenção de realizar vários projetos sociais, porém poucos têm continuidade, então a população sente-se desprovida de cuidado do poder público, ou melhor, sente-se segregada e estigmatizada.

Chegamos também a conclusão de que os entrevistados resistem em falar sobre violência familiar a ponto de "omitir e/ou inventar" dados. Isto foi possível observar várias vezes por ocasião da presença do marido e/ou esposa ao lado do entrevistado durante a coleta de dados, quando talvez, a informação sobre a existência de violência familiar pudesse gerar motivo para mais violência.

Quando lembramos de que sua identidade não seria divulgada e ressaltamos o objetivo da pesquisa, as mulheres entrevistadas mostram-se mais comunicativas, sendo que algumas demonstraram a necessidade de falar sobre o assunto e prolongar a conversa após a entrevista.

Constatamos no bairro diversas formas de violência na família fazendo-nos inferir que apesar da realização de campanhas publicitárias contra a violência, ela ainda continua e está se tornando cada vez mais visível no bairro pesquisado. Constatamos também, que durante a pesquisa as pessoas se encontravam revoltadas ao falar do assunto violência, outras choravam ou simplesmente deixavam transparecer que sentem medo.

Gostaríamos de ressaltar a importância deste trabalho para demonstrar a violência em nosso município e nos demais municípios desse país, sensibilizando profissionais e alunos (futuros profissionais de saúde) sobre essa realidade, os quais devem buscar constantemente, ações que possibilitem melhorar a qualidade de vida da população.

Concordamos com Ribeiro⁽¹⁷⁾ quando coloca que o enfermeiro tem papel importante na ajuda à família que sofre violência, principalmente possibilitando o estabelecimento de uma comunicação terapêutica. Por isso acreditamos que os profissionais que compõem o PSF têm um importante papel a desempenhar na detecção de violência em nosso município, pois nós enquanto profissionais comprometidas com a assistência e a formação e capacitação de profissionais de enfermagem sugerimos algumas alternativas para que possa haver mudanças desta realidade:

- 1 - Que as escolas coloquem em seus currículos o tema violência familiar.
- 2 - Que os professores de saúde e áreas afins se mobilizem com o objetivo de discutir com a comunidade o tema violência, orientado-a sobre seus direitos e deveres de cidadãos.
- 3 - Que haja mobilização da comunidade para exigir dos governantes maior segurança obtida através de leis e atitudes que possam reduzir a violência em nosso país e principalmente dentro das famílias.
- 4 - Promoção de atividades comunitárias que visem a diminuição da ociosidade e conseqüentemente da violência, como por exemplo: cursos profissionalizantes, práticas desportivas, participação da comunidade em discussões importantes para o bairro e etc.

Pois acreditamos que não haverá paz no mundo se em nossas famílias houver violência.

ABSTRACT: It's about an exploratory descriptive research that used the interview as a data collection method in suburb in Maringá-Pr, in January 2000, and its aim was to verify the intra familiar violence presence in de family and to identify its main causes, though its victims. As a result we have had that 62% of the population were economically active, 74% of the interviewed people were women, 16% were illiterate, 55% had experienced the violence in family and its greatest victims, the two intra familiar violence that were more salient is the verbal and physical ones. The aggressors were most men, - father 33% and husband 25%, - and the victims were women and children. The main violence causes were drinks 20% e and disagreement 15%; the action to this aggression was not reacting 27% or facing it 32%; 62% looked for help after being aggressed and from these 47% looked for the police. After this study it was concluded that it's very important particularize to show the violence in our city, sensitizing the professionals about the real situation.

KEY-WORDS: Domestic violence; Family; Community

RESUMEN: Este es un estudio exploratorio descriptivo. Utilizó la entrevista como método para coger los datos. Realizada en la Periferia de la ciudad de Maringá-PR, en enero de 2000, y su objetivo es identificar la presencia de violencia intra familiar e saber sus principales causas y sus mayores víctimas. Hemos tenido que 62% de los entrevistados eram económicamente activos, 74% de las personas entrevistada corresponde mujeres, 16% analfabetos, y 55% han experimentado la violencia dentro de las familias. Los tipos de violencia intra familiar que es más destacada es la verbal y física, y sus agresores eran la mayoría hombres, padres 33% y marido 25%, - las víctimas son mujeres y niños. Las principales causas de la violencia eran bebidas 20%, peleas 15%; y la actitud frente a la agresión era no reaccionar 27% o efrontar 32%; 62% buscaron ayuda después de la agresión y de estos 47% buscaron la policía. Después que este estudio fue concluido es muy importante demostrar y reconocer el tipo de violencia en la comuna, para poder sensibilizar los profesionales y la comunidad sobre esta realidad.

PALABRAS-CLAVE: Violencia doméstica; Familia; Comunidad

REFERÊNCIAS

1. Schneider K. Psicopatologia clínica. São Paulo: Mestre; 1976.
2. Azevedo MA.; Guerra VNA. Infância e violência doméstica. São Paulo: Cortez; 1997.
3. Costa JF. Violência e psicanálise. São Paulo: Graal; 1984
4. Xavier C. Reunião, análise e difusão de informação sobre saúde. São Paulo, (73), ago. 1999.
5. Kaloustian SM. Família brasileira a base de tudo. São Paulo: Cortez; 1994.
6. Biasoli- Alves ZMM. Aproximações teóricas e conceituais de família e violência no final do século XX. Florianópolis, Texto e Contexto Enfermagem, 1999; 8:65.

7. Gregori J. Família e direitos humanos. Florianópolis, Texto Contexto Enferm 1999; 8(2):31.
8. Ferrari MER. História de vida como precursora da violência doméstica. Texto Contexto Enferm 1999; 8(2):133-4.
9. Elsen I. Família e violência. Texto Contexto Enferm 1999; 8(2):110-12.
10. Marcon SS. Elsen I. Estudo intergeracional da violência no cotidiano familiar. Texto Contexto Enferm 1999; 8(2): 468-9.
11. Bonetti A. Antropologia e violência: notas para uma reflexão acerca da pluralidade do fenômeno da violência. Texto Contexto Enferm 1999; 8(2):483-5.
12. Bruschini C. Mulher, casa e família. São Paulo: Vértice/Fundação Carlos Chagas; 1990.
13. Berwarger C. Abuso sexual infantil - compartilhando dores na esperança de reescrever uma nova história: uma experiência com grupos multifamiliares. Texto Contexto Enferm 1999; 8(2):330-2.
14. Tobón MC. A família e a comunidade: perspectiva de mudança e alternativas de ação - Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Serv Soc Sociod 1986; 7(22):125-39.
15. Vicente CM. O direito a convivência familiar e comunitária: uma política de manutenção do vínculo - família brasileira à base de tudo. São Paulo: Cortez; 1994.
16. Aceti EL; Marcon SS. Violência contra a mulher: aspectos relacionados à denúncia. Texto Contexto Enferm 1999; 8(2):464-7.
17. Ribeiro IM. Violência na família. In: Elsen I; Marcon SS; Silva MRS. O viver em família e sua interface com a saúde e a doença. Maringá: Eduem; 2002.

Recebido em 12/02/2003 aceito em 07/04/2003